

MAX EISEN

UM LONGO CAMINHO
EM AUSCHWITZ

Tradução de
Alexandra Cardoso

alma
dos
livros



Birkenau no fim da linha. Fotografia gentilmente cedida por Ian Jones.

Para a adorada família onde nasci, morta numa fúria de ódio, mas que me preparou um mapa para que eu o seguisse. Viverá no meu coração para sempre.

À minha dedicada e amorosa família atual. Anos antes, não podia imaginar que iria viver para a conhecer. É composta pela minha amada esposa, Ivy, pelos meus dois filhos, Edmund Irving e William Larry, e pelas minhas netas, Amy Tzipporah e Julie Leah, e por todos os meus bisnetos. Rodeiam-me de amor, estabilidade e grande alegria.

Aos inúmeros alunos que assistiram às minhas apresentações. Este livro é um lembrete para que fiquem alerta relativamente às ideologias radicais e para que nunca sejam meros espectadores. O seu respeito e elogios têm sido, para mim, uma grande inspiração.

Índice

<i>Nota do Autor</i>	11
<i>Mapas</i>	13
<i>Prólogo</i>	19
1. Infância na Checoslováquia	27
2. Verões na Quinta	42
3. Grandes Mudanças	45
4. A Vida sob o Domínio Húngaro	51
5. Um Ano de Nascimento e Morte	65
6. O Último Seder	67
7. O Comboio	76
8. Chegada a Auschwitz II-Birkenau	80
9. <i>Arbeit Macht Frei</i>	88
10. Drenar os Pântanos	101
11. Fantasmas Ambulantes	105
12. Um Pedaco de Toucinho	109
13. Seleções, Julho de 1944	112
14. Cultivo de Terras Fora de Auschwitz	115
15. A Sala de Operações	120
16. Cirurgias no Bloco 21	127

17. Uma Panela de Guisado	138
18. A Destruição do Crematório 4	140
19. A Marcha da Morte	145
20. Melk, Ebensee e a Libertação	155
21. Ebensee, Após a Libertação	168
22. De České Budějovice a Moldava	173
23. Recuperação Emocional e Física	183
24. Marienbad	188
25. Praga	194
26. Regresso a Košice	203
27. Campo de PD de Ebelsberg	210
28. Canadá	215
<i>Epílogo</i>	221
<i>Posfácio</i>	229
<i>Agradecimentos</i>	238
<i>Apêndice</i>	243
<i>Pós-escrito</i>	251
<i>Nota Sobre o Autor</i>	254

Nota do Autor

No verão de 2012, após duas tentativas prévias, comecei a trabalhar neste livro com a assistência editorial de Amanda Grzyb, professora associada de Estudos de Informação e Meios de Comunicação na Universidade de Western Ontario e especialista em Genocídio Comparativo. Juntos, gravámos horas de entrevistas, as quais foram depois transcritas. No entanto, quando começámos a juntar as transcrições numa narrativa coesa, a história simplesmente não soava como eu tinha imaginado. Na primavera de 2014, decidimos pôr as entrevistas de lado e recomeçar. O processo foi meticuloso. Escrevi os capítulos a lápis em folhas de papel de 20,3 x 27,9 cm dobradas ao meio e, em seguida, a minha mulher, o meu filho ou a minha neta datilografaram-nas pacientemente no nosso computador. Entreguei cada capítulo datilografado a Amanda e ela editou-os e devolveu-os com perguntas e sugestões para revisões adicionais. Amanda e eu encontrámo-nos com frequência no ano seguinte e, em abril de 2015 – quase 70 anos após a minha libertação do campo de concentração de Ebensee –, eu tinha um rascunho concluído detalhando os meus anos de infância e a minha subsequente sobrevivência durante os dias sombrios do Holocausto.

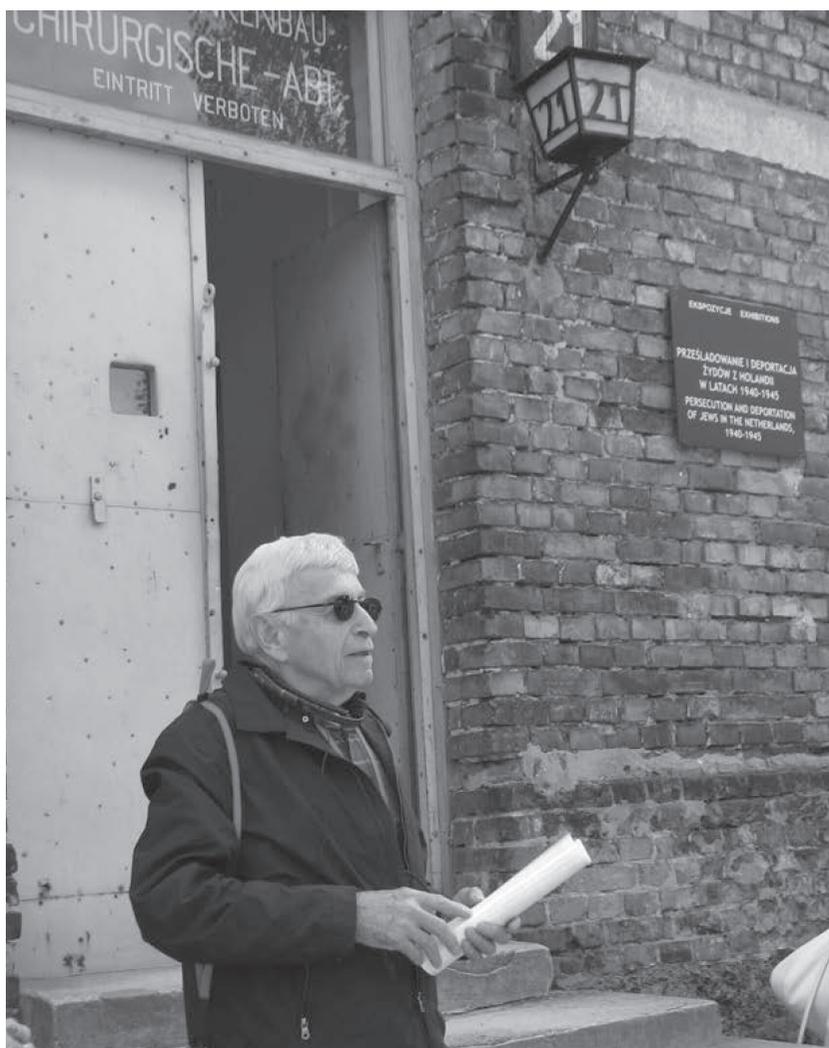
As datas e os locais referidos neste livro são descritos conforme me lembro e quaisquer erros factuais são involuntários e da minha exclusiva responsabilidade. Após um lapso de 70 anos, escrevi as minhas memórias com a maior precisão possível.

Prólogo

Na primavera de 1998, fui convidado a acompanhar um grupo de 150 adolescentes de Toronto numa viagem à Polónia, onde iriam participar na Marcha dos Vivos, um evento anual que ocorre no *Yom HaShoah*, ou Dia da Memória do Holocausto. Todos os anos, dez mil pessoas de todo o mundo reúnem-se em Auschwitz I e marcham juntas até Auschwitz II-Birkenau, onde participam num serviço religioso em memória dos seis milhões de judeus assassinados pelos nazis e seus colaboradores. Amy, a minha neta mais velha, fazia parte desse grupo; aos 16 anos, tinha praticamente a mesma idade que eu quando entrei no campo em 1944.

Enquanto orador sobrevivente, fui incumbido de preencher as lacunas que faltavam, os sons, os cheiros e as sensações deste lugar. Pela primeira vez em 53 anos, ia entrar no campo de extermínio onde os nazis tinham assassinado tantos elementos da minha família e tantos amigos. Sem túmulos para visitar, isto era o mais perto que podia ficar dos seus espíritos e eu sabia que seria uma experiência emocionalmente difícil para mim.

A minha chegada a Auschwitz II-Birkenau, em maio de 1944, foi uma experiência aterrorizante. Quando saí do comboio, notei imediatamente quatro enormes crematórios muito perto da plataforma, aninhados no meio de algumas bétulas. Embora só tenha descoberto o seu propósito mais tarde, aquelas estruturas sinistras, com as suas enormes chaminés, vomitavam chamas e fumo, e a alvenaria estalava com o calor do uso contínuo. Lembro-me de ter ficado sem palavras e de me sentir sem fôlego, como se algo monstruoso me fosse engolir. Ao mesmo tempo que me alinhava na plataforma, separado da minha mãe e dos meus irmãos, via-me desamparado e sozinho, com medo do desconhecido. Os soldados das SS que controlavam a plataforma tinham uma aparência brutal e o símbolo da caveira e dos ossos cruzados que traziam nos bonés causava-me pânico. Quando voltei a Auschwitz II-Birkenau, em 1998, já não havia sinais imediatos das enormes chaminés ou dos edifícios que outrora tinham abrigado as câmaras de gás e os crematórios. As SS destruíram-nos antes de abandonarem o campo, em janeiro de 1945, e as estruturas jaziam agora em escombros. As bétulas tinham crescido e, onde antes existia lama, havia agora uma cobertura de erva verde. O cheiro a carne queimada e os prisioneiros magros com os seus trajes andrajosos, acossados pelos guardas das SS, tinham desaparecido. O lugar parecia-me agora estranhamente benigno, e senti-me impressionado principalmente pela sua imensidão, pelas ruínas dos blocos e pelo arame farpado. A alguns quilómetros dali, em Auschwitz I, vi o bloco onde passei tantas noites, os locais onde fui forçado a ficar de pé no *appel* durante horas a fio e o sítio onde a orquestra tocava. Lembrei-me da fome, do terror e da exaustão constantes, mas também me lembrei de alguns momentos críticos de conselhos, de pequenos atos de generosidade, de conversas com os meus colegas prisioneiros e do hospital do campo, que se tornou uma parte tão importante na minha história.



Numa breve palestra diante da clínica onde trabalhei, no Bloco 21, em 2014.

Sherri Rotstein, uma das organizadoras do contingente canadiano da Marcha dos Vivos, lembra-se de me ter visto naquela tarde rodeado por participantes do programa. Disse que eu estava a olhar para longe e interrogou-se sobre quais seriam os meus pensamentos. Ela sabia que eu tinha voltado atrás no tempo – emocional e fisicamente –, que rumara a um lugar muito escuro, mas sentiu-se animada pelo facto de eu estar rodeado de jovens judeus, do futuro judeu. Era verdade que estar de volta ao campo

me enchia de tristeza, mas também me senti confortado por ver a Amy deixar uma fotografia da minha família perdida nas ruínas do Crematório II. Eu sabia que eles estavam connosco em espírito. E a Amy representava as gerações de filhos e netos que prosperaram após o Genocídio.

A minha primeira peregrinação de regresso a Auschwitz II-Birkenau deu-me força para ver, sentir e transmitir os atos horríveis que os nazis ali perpetraram. Foi nessa viagem que voltei a comprometer-me com a tarefa de orador e educador sobre o Holocausto, um trabalho que tinha iniciado seis anos antes. Desde então, mantive uma agenda rigorosa de apresentações em escolas e noutros eventos, e regressei a Auschwitz várias vezes. Numa dessas viagens, a minha outra neta, a Julie, juntou-se a mim. Disse-me que se lembrava de ouvir as histórias sobre os campos de extermínio quando era pequena, mas que só depois de percorrer os terrenos de Auschwitz compreendeu realmente o nível das mentiras dos nazis e a extensão da destruição de vidas humanas. Descreveu o impacto de ver o meu bloco, o meu beliche e os lugares onde trabalhei. Sempre me considerara um homem forte, feliz e cheio de energia, nada marcado pelas tragédias que se tinham abatido sobre mim e a minha família. Disse-me quanto respeitava a minha missão pessoal de educar o maior número possível de pessoas sobre o destino dos judeus durante o Holocausto.

Fiz a minha primeira apresentação pública perante um grupo de alunos do 13.º ano da escola secundária católica de St. Joseph, em Barrie, no Ontário, em maio de 1992. Estava nervoso e dei por mim a arfar à frente deles, enquanto contava rapidamente a minha história. Não tinha competências de palestrante que me permitissem transmitir a minha apresentação com facilidade. Depois de terminar, disse a mim mesmo que nunca mais o voltaria a fazer, mas, alguns dias depois, o professor enviou-me uma nota de agradecimento, declarando que os alunos tinham gostado muito da minha franqueza e que agora entendiam muito melhor o Holocausto. Este *feedback* deu-me a confiança de que precisava e continuei a falar por convite noutros lugares.

Daquele dia em diante, embarquei numa jornada de aprendizagem contínua e aperfeiçoei as minhas capacidades de comunicação perante grupos de diferentes idades. Hoje falo para estudantes do 5.º ano até à universidade. Viajei por todo o Canadá, das Províncias Marítimas à Colúmbia Britânica, dando palestras e dirigindo-me a audiências grandes e pequenas, umas do tamanho de uma sala de aula e outras com quase dois mil alunos do ensino secundário num grande auditório.

Numa ocasião, durante uma sessão numa escola primária em Sudbury, no Ontário, fui recebido à porta por um grupo de alunos do 5.º ano e vi que todos usavam autocolantes com a estrela de David ao peito. Perguntaram-me se eu também queria um. Apliquei o meu e eles acompanharam-me até à sala de aula, onde estavam reunidos 80 alunos. A professora informou-me que eles tinham lido um livro intitulado *Number the Stars* e que tinham ficado sensibilizados com a dor da discriminação. Passei duas horas com eles e contei-lhes a minha história. Eles tinham escrito várias perguntas em folhas de papel e fiz o possível para lhes dar resposta. Quando terminámos, puseram-se todos em fila e quiseram que eu assinasse os seus papéis com as perguntas e que escrevesse um comentário. Alguns deles até tinham papéis extras para eu assinar para levarem para as famílias. Poucos meses depois, recebi uma encomenda enviada pela escola. Esta continha uma manta de retalhos de feltro com 20 painéis que retratavam o que os alunos tinham aprendido com a minha apresentação. Um painel representava uma locomotiva a puxar vagões de gado; outro mostrava pequenos barcos de pesca a transportar judeus dinamarqueses para a Suécia; outro ainda tinha uma imagem da minha família, incluindo os meus dois irmãos, de mãos dadas. A manta era um verdadeiro projeto memorial notável e reforçou, em mim, a importância de uma aprendizagem de envolvimento total sobre a História.

Muitos dos alunos com quem falo estão no 10.º ano, porque esse é o ano em que é ensinada a História da Segunda Guerra Mundial. Desafio-me a prender-lhes a atenção durante hora e meia, bem como durante o período de perguntas e respostas

subsequente. Com frequência, os alunos abordam-me após as minhas palestras para fazer comentários, tirar fotografias ou pedir o meu autógrafo. Professores e diretores dizem-me muitas vezes que ficam maravilhados com o nível de concentração dos alunos enquanto eu falo. As muitas cartas que recebo, dos alunos e dos seus professores, são testemunhos de que eles entendem, de facto, a importância da história do Holocausto. Deixa as suas próprias dificuldades em perspectiva, incentiva à proteção de uma sociedade democrática e ajuda-os a pronunciar-se quando são testemunhas de injustiças.

Além de falar em escolas primárias e secundárias, tenho feito apresentações frequentes (às vezes anuais) em muitas universidades e faculdades, incluindo Lakehead, Trent, Ryerson, Brock, a Universidade de Northern British Columbia, a Universidade de Alberta, a Universidade de Manitoba, a Universidade de Regina, St. Francis Xavier, Western e Seneca. Também discursi para os cadetes de polícia da região de York, para a Polícia da Província do Ontário e para o Canadian Forces College, em Toronto. Fiz apresentações em igrejas, sinagogas, bibliotecas e centros comunitários durante a Semana de Educação Sobre o Holocausto. Os meus compromissos fora da cidade são muito intensos; às vezes chego a fazer cinco apresentações em três dias. Estas viagens podem ser física e emocionalmente esgotantes, mas sinto que são necessárias. E, apesar da natureza exigente do trabalho, fico sempre contente por conhecer pessoas diferentes de todo o país. Se estiver disponível, nunca recuso um pedido para falar.

Embora doloroso, o meu trabalho como educador do Holocausto também renovou o meu espírito. Acredito que a nova geração pode identificar-se com o Holocausto e com as suas lições, compreendendo como o mal pode operar quando não é controlado. Tenho a esperança de que os alunos com quem me encontro combatam o racismo e a intolerância onde quer que os vejam e que se manifestem e façam uma diferença positiva na sociedade canadiana. Depois de muitos regressos a Auschwitz, também consigo ver que os remanescentes físicos do Holocausto

continuam a deteriorar-se e que as testemunhas diretas, como eu, estão a avançar na idade. Reconheço a enorme importância de os sobreviventes contarem as suas histórias e de honrarem e recordarem as pessoas e o potencial humano que se perdeu. Este volume é a etapa final na minha viagem como educador do Holocausto e representa a minha própria contribuição permanente para esta história e para a memória dos meus entes queridos, que se perderam neste horror.